

Teoria da solidão

VICENTE FERREIRA DA SILVA

São Paulo

Todos aquêles que refletiram sôbre os vínculos que unem o homem aos outros homens, não se cansaram de afirmar que é o homem um ser gremial, disposto pela sua índole biopsíquica e espiritual a viver em conjuntos que o ultrapassam. Esta vida que ultrapassa o homem e sômente na qual êle se conhece, define, desenvolve e exalta, é a vida cultural em tôda a sua amplitude, a esfera do espírito objetivo. Como reconheceu Hölderlin, “nós, os homens, somos um diálogo”, isto é, existimos num diálogo e antes mesmo de despontarmos para a nossa consciência particular já estamos envolvidos nêsse colóquio ilimitado. Apreendemo-nos, sentimo-nos dentro dos quadros dessas formas simbólicas e linguísticas intersubjetivas e é êsse discurso social que faz surgir o mundo como se nos apresenta. Disto já podemos concluir de que maneira radicada e profunda o “outro” está impresso em nós mesmos, em que medida o nosso existir é antes um coexistir; ao vivermos particularmente, vivemos conteúdos universais.

Essa dependência que nos vincula à vida social tem um alcance muito maior do que uma simples satisfação de necessidades econômicas e materiais. O homem não se basta a si mesmo não só em sentido físico, como também em sentido metafísico, isto porque a autocompreensão de seus fins, propósitos, ideais, valores e empreendimentos postula uma ordem de vigências sociais que condiciona tôdas as tarefas particulares. Se a nossa conexão com os outros homens é, pois, uma lei tão entranhada ao nosso ser, como podemos então falar em solidão e ruptura, como podemos aceitar o testemunho de tantos pensadores que situaram nêsse enclausuramento da vida um dos ideais máximos da existência sôbre a terra? As possibilidades pessoais, estando inscritas no contexto social, êsse afastamento não acarretaria uma redução

funesta do espaço de exercício individual? Os pregadores da solidão não estariam preparando o aniquilamento do próprio homem?

Devemos notar antes de tudo que se afastar de determinados homens, classes, ambientes e setores da sociedade, não significa necessariamente abandonar qualquer trato humano, mas sim desenvolver em outros planos e direções um convívio mais livre. A solidão seria assim a substituição de um contôrno humano opressivo e imposto, por um novo horizonte de relações pessoais. É a experiência poderosa de um Hölderlin traduzida nêstes versos:

*Doch kann'ich euch besser
Als ich je die Menschen gekannt,
Ich verstand die Stille des Äthers,
Der Menschen Wörte verstand ich nie.*

Os maiores misântropos tiveram a sua confraria secreta, as suas amizades ideais que assiduamente freqüentavam. As vozes eternas do passado, a demografia de seus próprios sonhos substituía a proximidade humana que não era encontrada na realidade. Podemos aqui falar de uma solidão populada, escolha de um outro convívio, forma de superação dirigida em geral para um encontro decisivo.

Como em tôdas as coisas humanas, não existe uma só espécie de solidão, mas inúmeras: autênticas e falazes, de ressentimento e hostilidade, de carência e plenitude, de amor e de simpatia ao absoluto.

A superação ínsita no isolamento, o seu movimento próprio de transcendência, podem tanto significar triunfo e libertação, como em outros casos, uma tortuosa abdicação de nossa alma. Nêste caso, ao negar o "outro", ao insular-se em seu espaço próprio, o solitário só procura uma nova imunidade para sua mais íntima escravidão. Escapando ao olhar do próximo, o homem, nêste caso, não se proporciona qualquer nova possibilidade, não potencia sua faculdade de comunicação, mas unicamente se contrae num mutismo redutor e sombrio. Como vemos, a ruptura do convívio humano não é um fato unívoco e simples, pois comporta tôda uma gama de especificações e motivações.

Diz Aristóteles na *Moral a Eudemo* que "o ser que se basta plenamente a si mesmo não tem necessidade de pessoas que lhe sejam úteis, nem de que sejam benévolas com êle, nem da vida em comum, já que pode viver amplamente, só e a sós consigo mesmo. Esta inde-

pendência absoluta ressalta sobretudo com evidência na Divindade". Em forma mitigada, é esta a independência que buscamos quando desfazemos, de maneira provisória ou permanente, os laços com a sociedade existente. Entretanto, a independência do homem, a sua vitória contra os sortilégios e influências desmerecedoras do ambiente, o seu centrar-se em si mesmo, não acarreta a impossibilidade de novos encontros; pelo contrário, é uma preparação para êles. Ao afastar-se das "moscas da praça pública", Zaratustra prepara o advento de uma nova relação e de um novo sentido vital. O amor da independência não é o encômio de um Eu em detrimento de outro, mas a amorosa realização de uma harmonia reciprocamente fortalecedora. Na afirmação desesperada de Ibsen, de que o homem forte é o homem só, sentimos o anelo de uma compreensão que ultrapassa e de certa maneira nega sua fria repulsa.

O animal, nascendo como ser gregário ou solitário, vivendo em bandos ou arrastando sozinho seus dias, assim permanece sem nenhuma alteração no comportamento: a formiga não foge à formiga, o rinoceronte não se reúne em greis. Ora, um dos extremos do homem é justamente essa sociedade primitiva e imobilizada, quase animal, em que o indivíduo não tem qualquer poder de escolha e seleção de seu convívio, sendo as suas relações grupais determinadas inexoravelmente. Não existe para êle possibilidade de qualquer recuo diante da obsecante e omnipresente força do grupo; a sociedade dada exclue toda sociedade livremente escolhida ou criada. Nêsse estágio, não podemos ainda falar de qualquer ruptura ou afrouxamento dos elos coletivos, de nenhuma superação da sociedade dada, de nenhuma separação do eu do não-eu, e, portanto, de nenhum campo propício para um comportamento heterosocial espontâneo. O homem não pode assim abandonar por um ato íntimo os outros, não pode destruir as conexões congênitas de vida, pois ainda não existe como força autônoma.

Se nêste primeiro estágio ainda não encontramos a solidão voluntária e procurada, o amor da distância, encontramos no entanto frequentemente a solidão imposta e compulsiva, e expulsão do indivíduo de seu grupo. Vemos que à figura da solidão ativa e buscada, ao ato de deliberação, devemos antepor essa outra espécie de abandono passivo, exterior e ignominioso, imposto pelos outros e não imposto aos outros. A doença, o crime, a miséria e a execração coletiva constituíram sempre razões pelas quais o indivíduo foi ilidido de seu grupo.

No que concerne à relação entre a doença e a solidão poderíamos lembrar que o enfermo não dispendo de seu próprio porvir, perdendo provisória ou definitivamente a prospectividade de seus atos e portanto, como diz muito bem Philipp Müller, sendo destituído de toda uma dimensão de seu ser, não pode participar das ocupações sociais do momento. É portanto relegado a uma marginalidade que modifica totalmente suas ligações com o "outro". Mesmo quando assistido e socorrido pelos outros, o doente é um solitário, pois não participa do caudal de vida e da plena temporalidade dos homens que o cercam. A proximidade espacial por si só nada significa e não é índice de uma relação interhumana eficaz e verídica. Podemos-nos sentir inermes e abandonados em meio da mais densa multidão: *magna civitas, magna solitudo* e inversamente podemos-nos sentir assistidos, compreendidos e amparados na mais erma paragem.

Romper com o mundo é uma tarefa do espírito e não qualquer coisa de natural e instintivo. Se o nosso ser se exgotasse na coexistência biosocial não sentiríamos às vezes essa coexistência como um depauperamento de nossas possibilidades, procurando na solidão a reconquista de um bem superior. Vendo o equívoco em nós e em torno de nós, procuramos um novo direito para a nossa existência. É portanto a solidão o índice de nossa capacidade de franquear e vencer todo um conjunto de mecanismos e inércias biosociais, instituindo em nós e fora de nós um novo contorno pessoal. Só é verdadeira a solidão que nasce de um impulso próprio no coração do solitário. O resto é contingência, abandôno, necessidade, mas nunca vida púdica e concentrada. O oposto desta última figura é a existência sem interstícios, devassada, das aglorações hodiernas, em que a curiosidade e o olhar humano varrem e devastam tudo quanto há de inalienável no homem subjetivo. Do tormento da vida exposta falou Dostoiewsky em seu livro *Recordações da casa dos mortos*.

Fala-se comumente na solidão das praias, em palmeiras ou bosques solitários. Essas expressões são, entretanto, meras metáforas, pois somente o homem pode ser solitário. As coisas são exterioridade pura, incapacidade de recolhimento e de autodistanciamento. O que é a natureza senão essa grande contigüidade, essa imensa conexão vital donde nada se pode ausentar? Únicamente o nosso ser, como não-coisa, como excedente à natureza, como espírito, pode produzir-se como destino solitário e distante.